

PROJECTION INSTRUCTIONS / 1976

um filme de MORGAN FISHER

Realização, Imagem, Som, Produção: Morgan Fisher / Cópia: 16mm (Arsenal filminstitut), preto e branco, falada em inglês, legendada eletronicamente em português / Duração: 4 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

PROJECTION INSTRUCTIONS é exibido juntamente com **AUTREMENT, LA MOLUSSIE** de Nicolas Rey (“folha” distribuída em separado).

A obra de Morgan Fisher é marcada pelo espírito lúdico, reflexivo, meta-fílmico, (auto-)irónico e brincalhão. Invariavelmente faz filmes sobre cinema, sobre as suas condicionantes tecnológicas, sobre as dificuldades de produção ou sobre as suas particularidades materiais. Em **Production Stills** (1970) dá-nos a ver as fotografias da rotação de um filme que nunca chegou a ser feito (mas que estamos inevitavelmente a ver); em **Production Footage** (1971) vê-se um *magazin* de película a ser carregado numa câmara e, depois, a ser descarregado doutra câmara (cada um dos dois planos do filme foi rodado com a câmara e o *magazin* que vimos ser carregado ou retirado); em **Picture and Sound Rushes** (1973) apresenta uma palestra sobre os elementos bases do cinema (imagem/não imagem, som/silêncio) e constrói o filme como uma sucessão de todas as possíveis combinações de imagem e som (independentemente daquilo que esteja a ser dito ou mostrado); em **Cue Rolls** (1974) faz um filme sobre o mecanismo e as técnicas usadas na montagem e sincronização de cinema em película, mas fá-lo num plano único (sem cortes); em **Standard Gauge** (1984) faz uma montagem de sequências descartadas de filmes numa reflexão sobre o suporte de 35mm (mas opta por rodar o filme em 16mm...); e, claro, há o seu filme inaugural **The Director and His Actor Look at Footage Showing Preparations for an Unmade Film** (1968) cujo título é autoexplicativo. Naturalmente, o seu trabalho desenvolveu-se para as áreas da arte conceptual (sempre em torno das questões do “cinemático”), de onde se destaca a série *Aspect Ratio* (2004), composta por uma coleção de espelhos (dispostos nas paredes da galeria ou do museu) cortados segundo as várias proporções de imagem da história do cinema.

Apesar de ter começado a trabalhar na indústria de Hollywood (como montador e assistente de realização), primeiro com Roger Corman, depois com o diretor de fotografia Haskell Wexler, Fisher integrou o dito “movimento estruturalista” que definiu muita da produção *avant-garde* norte-americana no final dos anos sessenta e ao longo da década seguinte (sendo possível encontrar ecos e influências cruzadas entre os seus filmes e os de Bruce Conner, Ernie Gehr e Michael Snow). E, como já se percebeu, há uma forte dose de humor em todos os seus trabalhos. **Projection Instructions** surge no contexto da sua primeira série de filmes autoconscientes, mas ao contrário dos restantes, não se concentra nas questões da produção nem da materialidade do filme enquanto objeto, é antes uma provocação sobre a dimensão performativa do cinema através do envolvimento da figura do(s) projecionista(s) na construção do filme. É certo que um outro filme do realizador (da mesma época) trabalha questões similares. Refiro-me a **Screening Room** (1968-2010), onde o espectador assiste a imagens de uma câmara ao ombro que entra no próprio cinema em que o filme está a ser projetado, dirige-se à cabine de projeção onde o projetor está ligado, mas apenas projeta luz branca, a câmara olha pela vigia, concentra-se no ecrã branco e a película termina em transparência, revelando-nos o próprio ecrã para o qual estávamos a olhar. **Projection Instructions** é menos sobre o ecrã e mais sobre a projeção (o projetor e o projecionista).

A sua simplicidade é desarmante. O filme é composto por uma série de cartões com texto branco sobre fundo preto – nem mais, nem menos. E, como o título dá a entender, são instruções aos projecionistas. Como se explica, no primeiro dos cartões, “o filme é uma série de instruções dirigidas a si [projecionista]. As instruções têm de ser seguidas para que o filme seja apresentado corretamente”. Essas instruções são bastante simples: focar e desfocar, quadrar e desquadrar, ligar e desligar a

lâmpada, ligar e desligar o som, subir e descer o volume, alterar a frequência dos graves e dos agudos (esta última não poderá ser efetuada na sessão de hoje, uma vez que o sistema de som instalado na cabine da Cinemateca assim não o permite) e, depois, combinações de duas destas instruções num jogo de variações. Apesar de estarem a “cumprir ordens”, os projecionistas participam na construção do filme, dando-lhe a forma que a sua materialidade fílmica não possui (caso contrário veríamos apenas uma sucessão de cartões). O filme não é tanto um conjunto de imagens em movimento e som que as acompanha, é antes uma “*performance* participativa” que se desenvolve a cada projeção. Assim, os projecionistas são co-criadores do filme com o realizador. Só que – e esse é o sentido profundo da proposta da Morgan Fisher – essa participação do projecionista na construção do filme não é exclusiva de **Projection Instructions** (ainda que este a torne explícita e evidente). Todo o filme – qualquer que ele seja – só se concretiza através da dimensão performativa da projeção, dimensão essa que – no caso do cinema em suporte analógico – necessita de um profissional que garanta a sua “correta” execução. Morgan Fisher fez um filme que chama a atenção para o poder dos projecionistas e para a sua margem de trabalho. Sendo que essa chamada de atenção serve como revelação do trabalho invisível daqueles que – por essa mesma invisibilidade – nos permitem mergulhar abstraidamente nas imagens. **Projection Instructions** é um lembrete: por trás de cada exultação de espanto está um trabalhador, um ofício, um saber.

Ricardo Vieira Lisboa